

Denis Kozhukhin



GULBENKIAN
MÚSICA

03 fev 24

03 fev 24 SÁBADO 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Denis Kozhukhin Piano

O Diabólico e o Divino

Franz Liszt

La lugubre gondola, S. 200/1 c. 5 min.

Unstern! – Sinistre – Desastro, S. 208 c. 5 min.

Nuages gris, S. 199 c. 4 min.

Am Grabe Richard Wagners, S. 135 c. 3 min.

György Ligeti

Estudo n.º 13, L'escalier du diable (Livro 2) c. 6 min.

Franz Liszt

Bénédiction de Dieu dans la solitude, S. 173/3 c. 18 min.

INTERVALO

Franz Liszt

Sonata em Si menor, S. 178 c. 30 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min

INTERVALO DE 20 MIN.

Franz Liszt

(Raiding, 1811 – Bayreuth, 1886)

La lugubre gondola, S. 200/1

—

COMPOSIÇÃO 1882-1883

DURAÇÃO c. 5 min.

Unstern! – Sinistre – Disastro, S. 208

—

COMPOSIÇÃO c. 1881

DURAÇÃO c. 5 min.

Nuages gris, S. 199

—

COMPOSIÇÃO 1881

DURAÇÃO c. 4 min.

Am Grabe Richard Wagners, S. 135

—

COMPOSIÇÃO 1883

DURAÇÃO c. 3 min.

Bénédiction de Dieu dans la solitude, S. 173/3

—

COMPOSIÇÃO 1852

DURAÇÃO c. 18 min.

Sonata em Si menor, S. 178

—

COMPOSIÇÃO 1852-1853

DURAÇÃO c. 30 min.

Após a estrondosa carreira de virtuoso itinerante que desenvolveu entre 1839 e 1847, o ano de 1848 marcou um ponto de viragem na carreira de Liszt, com o seu estabelecimento em Weimar e a concentração quase exclusiva no ensino e na composição. Nos 12 anos que se seguiriam estabeleceu assim a sua reputação enquanto compositor, assumindo-se como um dos principais representantes da Nova Escola Alemã. Embora os primeiros esboços datem de alguns anos antes, a Sonata em Si menor foi composta essencialmente neste período, entre 1852 e 1853, tendo sido dedicada a Robert Schumann. A obra foi construída a partir de um conjunto circunscrito de células temáticas, que são elaboradas, transformadas e justapostas de maneiras diversas, mas sem prejuízo da coesão do todo. Em termos formais, esta desdobra-se em duas camadas simultâneas, por um lado respeitando a forma sonata tradicional, mas por outro fazendo coincidir as suas diferentes secções com os diferentes andamentos expectáveis na estrutura do género, que assim são integrados num único andamento mais alargado. A sonata abre num *Lento assai*, com um gesto descendente tonalmente ambíguo, e o *Allegro energico* que se segue enuncia desde logo duas outras ideias principais (uma afirmação enérgica em oitavas e um motivo de notas repetidas), após o que uma longa transição leva a um segundo tema, em Ré maior, de carácter grandioso. O papel de secção de desenvolvimento e de andamento lento é cumprido pelo *Andante sostenuto*,

que logo se torna *Quasi adagio*, e o fugato seguinte, de novo *Allegro energico*, conclui o desenvolvimento à maneira de um *scherzo*, conduzindo a uma reexposição do material do início. A música encaminha-se para um *Prestissimo* extremamente virtuosístico e a obra encerra com um epílogo tranquilo e beatífico, em que as ideias principais são ouvidas uma última vez.

Em 1834, em Paris, Liszt tinha composto algumas obras de inspiração espiritual, entre as quais se destacava uma peça intitulada *Harmonies poétiques et religieuses* (S. 154). A ideia original era a de um conjunto de peças subordinadas a esse título, e, de facto, entre 1840 e 1848, Liszt alarga a sua conceção a uma série de 12 peças. Quando se fixou em Weimar, em 1848, surgiu finalmente a versão definitiva das *Harmonies poétiques et religieuses*, S. 173, compostas entre 1848 e 1853, e publicadas nesse ano em Leipzig. *A Bénédiction de Dieu dans la solitude*, antes a 11.^a e agora a 3.^a da série, é antecedida por uma citação literária, neste caso um poema de Lamartine que reflete acerca da oração e do sentimento de paz interior. A peça inicia-se num *Moderato* em Fá sustenido maior, com um tema *cantabile* e um acompanhamento harmonioso. Após uma ideia mais expressiva, regressa o tema inicial, que se torna mais apaixonado antes de se esvanecer em figuras harpejadas. A segunda secção, *Andante*, em Ré maior, apresenta novo material melódico, seguindo-se uma passagem *Più sostenuto*,

quasi prelude, em Si bemol maior, que se intensifica e conduz a uma breve reexposição, agora num *Allegro moderato*, também em Fá sustenido maior. No final da peça, os temas das diferentes secções são evocados uma última vez.

Com a partida de Weimar e a retirada para Roma em meados da década de 1860, iniciou-se no percurso biográfico de Liszt um terceiro período criativo, o qual seria marcado por um carácter mais introspectivo e experimental, de tal forma que em diversos momentos o compositor parece anunciar desenvolvimentos trazidos mais tarde por Debussy, Scriabin, Schönberg ou Bartók. De facto, nesta fase assume um relevo particular a exploração de atmosferas nostálgicas, associada a uma abordagem de rutura a elementos como a forma, a tonalidade e a harmonia, enquanto o seu virtuosismo característico está quase completamente ausente. Disso é exemplo a peça *Nuages gris*, S. 199, composta a 24 de agosto de 1881. Breve e tecnicamente simples, esta é de facto marcada pelo seu carácter experimental: a tonalidade de Sol menor é sugerida, mas na verdade a ambiguidade das escalas e das harmonias usadas, bem como a sua peculiar estrutura cadencial, conferem-lhe uma dimensão de inquietude que antecipa o espírito do expressionismo.

Pela mesma altura, ainda em 1881, Liszt compunha também a peça *Unstern! – Sinistre – Disastro*, S. 208, plena de sonoridades ambíguas, com a estranheza

harmónica produzida pela abundância de trítonos, tons inteiros e acordes aumentados.

Dos seus últimos anos datam quatro peças associadas à morte de Richard Wagner, o contemporâneo que Liszt admirava acima de qualquer outro. Em dezembro de 1882, era recebido por Wagner em Veneza, e foi então que, segundo alegou, a visão de uma procissão de gôndolas funerárias lhe trouxe a premonição de que a morte do compositor estaria para breve. Esse episódio terá constituído a inspiração para *La lugubre gondola*, uma peça composta entre dezembro de 1882 e janeiro de 1883, portanto ainda antes da morte de Wagner que viria a ocorrer em fevereiro de 1883. A peça evoca o balanço típico das barcarolas dos gondoleiros, envolto em sombras fantasmagóricas. A linha melódica recorda, em mais de um momento, *Tristan und Isolde*, por entre uma harmonia arrojada

que contribui grandemente para a criação de uma atmosfera desolada e trágica. Cada vez mais cromática e permanentemente envolta em ambiguidades harmónicas, a melodia dirige-se para uma enunciação mais apaixonada que desemboca em sinistros acordes cromáticos, desvanecendo-se a homenagem no silêncio.

Já a peça *Am Grabe Richard Wagners* [“No túmulo de Richard Wagner”], S. 135, foi composta a 22 de maio de 1883 como uma homenagem póstuma, na ocasião em que se comemorariam os 70 anos do compositor alemão. Concebida originalmente para quarteto de cordas e harpa, a obra foi arranjada para piano e para órgão pelo compositor, mas a publicação teria lugar apenas em 1952, depois de descoberta numa coleção particular. O seu intuito memorial materializava-se desde logo numa melodia que evocava, de certa forma, o “Encantamento de Sexta-Feira Santa”, do *Parsifal*.

György Ligeti

(Diciosânmartin, 1923 – Viena, 2006)

Estudo n.º 13, *L'escalier du diable* (Livro 2)

COMPOSIÇÃO 1993

DURAÇÃO c. 6 min.

György Ligeti, compositor húngaro radicado na Europa Ocidental desde 1956, foi um dos representantes da vanguarda musical de Darmstadt na década de 1960, apesar de gradualmente, e de formas inteiramente novas, ter procurado introduzir elementos que a ortodoxia serial rejeitava, a nível melódico, rítmico e harmónico. No campo da música para piano, destacam-se os três livros de *Études* compostos entre 1985 e 2001, perfazendo um ciclo de 18 peças. O compositor pensou-os como “música altamente emotiva de elevada complexidade contrapontística e métrica”, refletindo o seu interesse por referências tão variadas como a polifonia da *ars subtilior*, o folclore do leste europeu, a polirritmia africana, o gamelão balinês ou o jazz de Bill Evans. O resultado foi um conjunto de peças temíveis pelas suas exigências técnicas, mas também notavelmente inventivas

e originais, abrangendo um âmbito bastante alargado de atmosferas emocionais e ressonâncias para além da esfera musical.

O Estudo n.º 13, *L'escalier du diable* (Livro 2), foi composto em 1993. A peça foi concebida à maneira de uma tocata baseada numa enérgica figura cromática, caracterizada pela sua irregularidade rítmica e pela sua sonoridade de trítono, que é submetida a um inexorável movimento ascendente, sobre harmonias complexas e variações dinâmicas extremas. A obra evoca, assim, o fenómeno das espirais na Natureza, aludindo às representações das escadas impossíveis de M. C. Escher e ao fenómeno matemático da função de Cantor, que originam repetições infinitas, num sinistro movimento perpétuo.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Denis Kozhukhin

Profundidade emocional e sofisticação, para além de um apuro técnico excepcional, são aspetos que caracterizam o poder interpretativo do pianista belga Denis Kozhukhin. Vencedor da edição de 2010 do Concurso Rainha Elisabeth, em Bruxelas, afirmou-se como um dos músicos mais talentosos da sua geração. Atua com muitas das principais orquestras europeias e norte-americanas e a sua presença é regular em festivais de música.

Nas duas últimas temporadas destacam-se colaborações com a Sinfónica de São Francisco, a Sinfónica de Montreal, a Frankfurt's hr-Sinfonieorchester, a Sinfónica da BBC, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Philharmonia Orchestra, a Filarmónica Real de Estocolmo e a Sinfónica WDR de Colónia, e com os maestros Rafael Payare, Alain Altinoglu, Cristian Macelaru, Hannu Lintu, Dalia Stasevska e Santtu-Matias Rouvali, entre outros.

Na presente temporada, para além do regresso à Orquestra Gulbenkian, destacam-se ainda novas apresentações com a Filarmónica de Oslo, a Sinfónica NHK de Tóquio, a National

Symphony (Washington DC) e a Sinfónica de Barcelona, e ainda estreias com a Sinfónica de Dallas, a Sinfónica de Dusseldorf e a Sinfónica de Melbourne. Estão agendados também recitais a solo e de música de câmara na Pierre Boulez Saal, na Elbphilharmonie, no Wigmore Hall, no Konzerthaus de Viena e no Tonhalle de Zurique. Denis Kozhukhin é também uma presença regular em importantes festivais internacionais de música como os de Verbier, Gstaad, Grafenegg, Dresden e Jerusalém, e ainda o *Intonations Festival* de Berlim, e os *BBC Proms*. Gravou para a editora Pentatone obras de J. Haydn, Mendelssohn, Tchaikovsky, Grieg, Ravel e Gershwin.

Denis Kozhukhin estudou na Escuela Superior de Música Reina Sofia, em Madrid, com Dmitri Bashkirov e Claudio Martínez Mehner. Completou os seus estudos na Academia de Piano do Lago Como, onde recebeu os ensinamentos de Fou Ts'ong, Stanislav Iudenitch, Peter Frankl, Boris Berman, Charles Rosen e Andreas Staier. Estudou também com Kirill Gerstein em Estugarda.

19 fevereiro



GULBENKIAN
MÚSICA

J. S. Bach

Sonatas e Partitas II

Mario
Brunello

GULBENKIAN.PT

MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA

STONE

MECENAS
SEGURADORA
OFICIAL

TRAN
QUILI
DADE

MECENAS
CICLO DE PIANO

pwc

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Fundação "la Caixa"

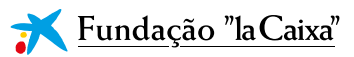
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

